

*Quero que meus filhos entendam o mundo, mas não apenas porque o mundo é fascinante e a mente humana, curiosa. Quero que eles compreendam o mundo para que possam fazer dele um lugar melhor. Conhecimento não é o mesmo que moralidade, mas, se quisermos evitar erros passados e tomar rumos positivos, precisamos entender. Uma parte importante desta compreensão é saber quem somos e o que podemos fazer.....*

*.....As vivências de compreensão que verdadeiramente importam são as que fazemos como seres humanos num mundo imperfeito, que podemos afetar positiva ou negativamente.*

Howard Gardner em *Inteligência: Um conceito reformulado*.(2001)

### **Um homem em sintonia com seu tempo, um humanista, uma mente generosa.**

Pensei muito em como apresentar Howard Gardner de forma que sua trajetória de estudioso e pesquisador brilhante se revelasse para além das suas circunstâncias, entre as quais estão ser professor John H. e Elizabeth A. Hobbs de Cognição e Educação da Harvard Graduate School of Education, professor adjunto de Psicologia da Universidade de Harvard. Um desafio imenso, tendo em vista a fecundidade da sua vida e o tempo que me cabe. Tenho muito clareza quanto aos meus limites e à natureza do meu papel e é com o sentimento de humildade que me proponho não a fazer uma síntese das suas idéias, por impossível, mas expor o recorte que convoca o meu olhar.

Por que começar falando da sintonia do nosso convidado com seu tempo? A contemporaneidade se traduz em diversos signos e pode ser representada por diferentes símbolos. Reconhecendo a complexidade como condição inerente à vida e marca do tempo presente, tomamos como referência Morin quando nos diz que “aprender a viver significa preparar os espíritos para afrontar as incertezas e os problemas da existência humana”. Boa parte da vida de Howard Gardner, ele a dedicou ao estudo e desvendamento do funcionamento da mente. Seu trabalho pode ser descrito como um esforço para compreender e explicar o alcance do pensamento, com especial ênfase no desenvolvimento e na interrupção das capacidades intelectuais entendidas de maneira ampla. Ao chegar à Universidade seu objetivo era estudar história e ciências sociais, mas conhecendo Erik Erikson e tendo-o como tutor, voltou seu olhar para o estudo do psiquismo. Sua trajetória como estudioso do desenvolvimento deu-se após conhecer os trabalhos de Jean Piaget. Como aluno e profundo admirador de Jerome Bruner, aos poucos se deslocou para a área do desenvolvimento cognitivo, particularmente para o estudo das capacidades simbólicas do ser humano. Os estudos feitos na pós graduação em neurologia e neuropsicologia levaram-no a realizar pesquisas nesta área e em desenvolvimento cognitivo, quando conheceu o brilhante neurologista Gershwind. Este o convenceu que as respostas para suas questões sobre arte e criatividade, viriam do estudo do cérebro. As investigações se desenvolveram em duas linhas: uma com crianças ditas normais e super dotadas e outra com adultos que tinham sofrido danos cerebrais. O esforço de sintetizar estas duas linhas de trabalho resultou na proposta da Teoria das Inteligências Múltiplas, apresentada em 1983. Esta teoria introduz a ideia de que é possível descrever melhor os seres humanos como possuidores de sete ou mais maneiras relativamente autônomas de processar informação, inclusive no campo das artes, do relacionamento humano e da motricidade, tradicionalmente não consideradas capacidades intelectuais nem mesmo cognitivas, (recentemente ele agregou mais duas as sete inicialmente apresentadas). Trata-se, portanto de uma visão pluralista da mente que admite a existência de

forças cognitivas diferenciadas e de estilos cognitivos contrastantes. Representa uma mudança de paradigma: é uma crítica a idéia consagrada de que a inteligência é uma faculdade única, genérica, tal como Piaget a descrevera e mensurável por testes psicométricos padronizados de raciocínio lógico-matemático ou competência lingüística, como psicólogos e educadores haviam se habituado. Era previsível que provocasse controvérsias entre os estudiosos do tema e suscitasse a produção de centenas de trabalhos entre livros, monografias e artigos. Mas foi no meio educacional que ela encontrou a maior e melhor acolhida. É compreensível o impacto causado entre professores, Pedagogos e no meio educacional como um todo. Bons professores sempre perceberam que a forma como a escola organiza o conhecimento, a maneira como se avalia o que foi ensinado deixa fora muitas capacidades demonstradas pelos alunos: capacidades que não se adequam ao estabelecido, e não são reconhecidas, gerando em última instancia exclusão e frustração. A teoria proposta por Gardner trouxe esperança para aqueles professores, provendo-os com idéias e argumentos para ajudarem alunos que não se saíam tão bem em Matemática ou Língua, mas tinham talento para música, desenho, esporte, eram hábeis na solução de conflitos. Assim, inicialmente nos Estados Unidos, mas rapidamente em diversos pontos do planeta, educadores inspirados na sua teoria criaram inúmeras aplicações, embora Gardner tenha sempre enfatizado a impossibilidade de traduzir uma teoria cognitiva para o ensino, inclusive a Teoria das Inteligências Múltiplas. Esta ênfase é necessária quando se vê por todo o lado o uso de elementos desta teoria como parte do ideário escolar, às vezes de forma muito equivocada. Ela é um instrumento e pode, sim, oferecer a possibilidade de entender como as pessoas compreendem para, a partir daí, serem construídos programas e formas de demonstração dessa compreensão. Não sem razão, portanto, nos anos 1980 ele começou a desenvolver estudos mais focados em ensino e aprendizagem, vindo a se envolver em assuntos de reforma educacional.

Voltemos à sintonia com o tempo: em um mundo que se percebe complexo, que enfrenta o desafio da globalidade, no qual se percebe a construção de um processo de exclusão que atinge principalmente o que é visto como diferente, diverso do padrão dominante, nesta conjuntura, a teoria das inteligências múltiplas, ao preconizar a existência de diversos pontos de entrada para o conhecimento e diferentes formas de expressar a compreensão e a não supremacia de um modo sobre o outro, pressupõe tanto a consciência do caráter complexo da condição humana, como propõe e conforma um mundo mais aberto, mais inclusivo, e por que não dizer, mais justo e mais rico.

O olhar retrospectivo sobre a vida de Howard Gardner ajuda a entender os caminhos percorridos por ele: filho de família judia emigrada da Alemanha para os EUA no início do flagelo nazista recebeu todo o incentivo para estudar e encontrou no piano um instrumento para sua sensibilidade artística. É legítimo indagar até que ponto o fato de pertencer a uma comunidade que sofreu intensamente o preconceito ao longo da história, sendo inclusive alvo de práticas genocidas, pode ter despertado em uma mente instigante e alma sensível a atenção para a diversidade; o quanto esta vivência ajudou a construir a noção de que a diferença é inerente à humanidade. O garoto estudioso, curioso e intelectualmente independente, apaixonado pela música, saído de uma pequena cidade mineira no interior da Pensilvânia, filho de imigrantes fugidos da guerra, chegou ao coração da intelectualidade americana, a Harvard University onde encontrou o ambiente adequado e estimulante para seu crescimento. O piano continuou sendo a expressão da sua paixão e respeito pelas artes. Essa mesma paixão, ao lado da curiosidade intelectual aproximaram-no do epistemologista Nelson Goodman na Harvard. Goodman acreditava que a aprendizagem de artes devia ser estudada como uma atividade cognitiva séria, mas que nada sólido tinha sido estabelecido neste campo de estudo. Daí surgiu a inspiração para a criação do Projeto Zero, em 1967, ligado a Harvard Graduate School of Education. A sua missão é a de “compreender e aprimorar a aprendizagem, a reflexão e a criatividade nas artes, assim como nas disciplinas humanistas e científicas tanto

no nível individual quanto no institucional.” Gardner foi um dos fundadores e ao lado de David Perkins, dirigiu-o de 1972 até 2000, onde permanece até hoje como Diretor Senior e membro do seu Conselho Gestor. Lá criou e continua desenvolvendo várias linhas de pesquisa sobre cognição, aprendizagem e artes. Merece destaque um projeto de investigação sobre boas práticas docentes realizado por professores da Harvard e docentes de escolas públicas de Massachusetts, cuja base teórica é o resultado de décadas de trabalho dirigido por Gardner e Perkins. Este projeto resultou na construção de um marco conceitual no âmbito educacional, intitulado Ensino para a Compreensão. Este marco ajuda os docentes a analisar, planejar, por em prática e avaliar práticas centradas no desenvolvimento da compreensão dos alunos, constituindo-se em um instrumento potente para aprofundamento e melhoria das práticas docentes.

O reconhecimento ao trabalho vem de diferentes lugares: em 1981 ele recebeu o McArthur Prize fellowship, no mesmo ano em que o prêmio foi lançado; em 1990 foi o primeiro americano a receber o Louisville Grawemeyer Award in Education e em 2000 foi agraciado com a Guggenheim Fellowship. O título de professor Honorário lhe é outorgado por mais de 20 instituições universitárias dos mais diversos cantos do globo.

Olhando os trabalhos mais recentes, ilumina-se o caráter humanista e engajado do professor Gardner. Há quatorze anos ele trabalha no Good Work Project. Este se constitui em um esforço em larga escala para identificar indivíduos e instituições que exemplificam bom trabalho – aquele que é excelente em qualidade, responsável socialmente e significativo para quem o faz – e para determinar a melhor maneira de aumentar a sua incidência na sociedade. A origem do projeto foi uma investigação científica sobre como membros de diferentes profissões abordam seu trabalho em uma época na qual as circunstâncias mudam muito rapidamente, os mercados são muito poderosos e há poucas forças, se é que existe alguma, que se contrapõem às forças do mercado. Com esse projeto, Gardner deixa para trás os estudos descritivos e assume o caráter prescritivo, de intervenção na realidade e o faz a partir da compreensão de que se quisermos viver em, ou construir para as próximas gerações um mundo melhor, é necessário formar-se para tal. Para ele, o cenário atual tanto na política quanto nos negócios, nas relações entre nações como nas relações interpessoais colocam na ordem do dia questões da maior relevância no sentido da preservação da vida em sociedade e da sobrevivência do próprio planeta.

Em um dos seus últimos livros, lançado em 2007, Cinco Mentes para o Futuro, exemplifica essa passagem do descritivo para o prescritivo. Segundo o autor, é um livro para os formuladores de políticas. As cinco mentes descritas são as que serão necessárias para vivermos e convivermos melhor no mundo. Elas não são capacidades como as inteligências múltiplas, antes são usos possíveis da mente que podem e devem ser desenvolvidos na escola, na família, na vivência profissional.

Com esta obra, evidencia-se o compromisso do estudioso com a realidade, com o mundo concreto revelando o humanista engajado e esperançoso. Ela traduz para o real a afirmação dele quando diz: “Não devemos aprender algo somente por aprender, mas para fazer do mundo um lugar melhor para se viver e para mapear as possibilidades humanas”.

Se os estudos, os projetos, as questões que ele ora propõe, ora ilumina, não foram suficientes para demonstrar a generosidade de Howard Gardner, penso que devo mencionar suas publicações. Mais de vinte livros traduzidos em mais de 25 línguas e centenas de artigos, entrevistas, vídeos, nos quais ele coloca o melhor de suas mentes: a disciplinada, a sintetizadora, a criativa, a respeitosa e a ética, usando imagens fortes e potentes para que outros entendam suas idéias. Ele não escreve apenas para os colegas acadêmicos, escreve para

o público em geral, em um legítimo esforço de disseminar conhecimento e possibilitar o desenvolvimento de nossas capacidades para que possamos usar melhor nossas mentes.

Para encerrar este exercício de síntese, creio que conto com a solidariedade de todos no entendimento da impossibilidade de dar conta da riqueza, da profundidade e da diversidade da obra e da personalidade de nosso conferencista. Por isso mesmo, recolho-me ao lugar de uma observadora atenta e agradecida pelo que recebo dele de inspiração, de esperança e de fé no futuro da humanidade.